

## ***O Eleito do Sol***

Arménio Vieira, *O Eleito do Sol*,  
Praia, Sonacor, s.d. [1989] (1ª ed.)  
Lisboa, Vega, 1992 (2ª ed.)

Alberto Carvalho  
Faculdade de Letras de Lisboa  
(2004)

### **o. Notas Breves**

Do livro *O Eleito do Sol* não se poderá dizer que se integra no género romance, por não se aproximar minimamente da arquitectura de efabulação canónica, conhecida e aceite por referência às formas narrativas amadurecidas no século XIX.

Na extensão de cento e cinquenta páginas de texto, um “Prólogo” e trinta e quatro capítulos geram um efeito de ritmo discursivo muito fluído, mais próximo do registo da escuta oral do que da leitura, facto que se harmoniza com dois aspectos da história, a origem onírica da sua imaginação e o mundo transposto para um tempo faraónico.

O álibi da lógica do sonho justifica a efabulação de grande mobilidade, bem como a forma breve dos capítulos, ao mesmo tempo que a figuração do protagonista atribuída a uma personagem picaresca desloca a história para as margens da narrativa que, assim, rejeita a Ordem das referências denotativas.

De acordo com a definição, pertence ao pícaro questionar a Ordem instituída, a partir do lugar que ocupa necessariamente, a periferia do Sistema, lugar de onde não pode sair, ou poderá sair à custa da perda da individualidade que o singulariza.

Aliás, no Prólogo é atribuído ao suposto pícaro o sonho da legitimidade faraónica, e toda a história se evolui no sentido dessa confirmação, facto que sugere de imediato dois efeitos processados a níveis distintos: i)- no plano da narração entrelaçam-se as lógicas do sonho e da factualidade empírica; ii)- no plano da história os factos evoluem no sentido da confirmação do que inicialmente o pícaro confunde entre ser e parecer.

Ou seja, a história evolui sob o cláusula de uma denegação não convincente, com a simbologia da Ordem a absorver o suposto pícaro, afinal personagem centrada, todavia iconoclasta, irreverente, facécia, jocosa, trocista, burlesca, zombadora, posta ao serviço de uma paródia crítica.

Uma vez deslocada para a época faraónica, meio sagrada e mitificada, a realidade converte-se em alegoria, mas alegoria neutralizada pelo desfasamento temporal a favor de dois referentes realista homogeneizados pela convergência entre a linguagem do narrador, timbrada pela irreverência, e a acção farsante do protagonista, ambas contra uma Ordem que denota a passado faraónico e conota o presente social cabo-verdiano.

Assim mesmo, fatalmente. Qualquer questionação subversiva da Ordem resolve-se sempre pela substituição de uma Ordem por outra, o que significa, no respeitante ao protagonista, a modelagem da sua acção por um esquematismo lógico de qualificação e acção com afinidades ao modelo consagrado no domínio do conto oral tradicional.

Tendo por base estas breves anotações, uma abordagem lúdica do texto poderá dar a ver sob determinado enfoque os nexos insinuados nos paratextos.

### **1. “Epígrafe”, do Autor**

1. Paratexto, lugar onde o Autor/ sujeito se dirige ao seu destinatário com a informação sobre o que vai ser contado;
2. Função apelativa, conativa, com evidente intenção propiciatória, constituindo um caso de mensagem sobre a mensagem (M/M);
3. Sobre os trabalhos e as dificuldades anotadas a advertência vale como desafio, tanto quanto a referência à loucura (razão outra com outra lógica) ou ao riso (relativizador) conotam a atitude subversiva das realidades, subversão todavia desdramatizadora por recurso à imaginação e ao ardid.

### **2 “Prólogo”, do Narrador**

1. Conteúdo de realidade do sonho: Akenaton em sonho, sonhou ser faraó;
2. Sonho (do faraó) dentro do sonho (do escriba), espécie de mise-en-abyme;
3. Confusão proposta para o enredo da história: o escriba que chegou a faraó por meio da escrita, escrita que diz o sonho do outro que, no sonho, chegou a faraó;
4. Reencarnações na Ásia, Europa, América. Distinguir: as “reencarnações” supõem ter existido antes uma “encarnação”;
5. A encarnação terá acontecido no continente não nomeado acima: África. Portanto, apesar da confusão, o sonho submete-se à tese dominante sobre a ordem civilizacional estabelecida pelo saber histórico-antropológico;
6. A história do sonho (do outro) transposta para o sonho do narrador escrevente é um caso de história biográfica/autobiográfica;
7. No que for entendido como discurso de modelagem onírica, a lógica não poder deixar de ser condicionada pela “figuração”, “condensação”, “deslocação” (Kristeva);
8. A confusão subversiva começa no sentido do “fazer”: o protagonista é um escriba (o agente do “fazer” escritural no tempo faraônico), ponto de partida para uma narrativa (o agente do “fazer” escritural” do narrador) ao ritmo do contar (quem conta ocupa, por definição, o lugar do contador no conto oral).
9. Mas a confusão afecta ainda o domínio da verosimilhança, ao assimilar um escriba, que ocupa um lugar centrado na Ordem do Poder faraônico, a uma personagem de comportamento pícaro, que se move no espaço da contra-Ordem e do contra-Poder.

### **3. Fabricação do texto**

1. As 143 páginas de história em 34 capítulos perfazer a média de 4 pág./capítulo;
2. Dessa forma deriva o movimento narrativo acelerado, saltitante, móvel, de contador andarilho:
  - 2.1. Conflito de formas: mobilidade das falas VS lentidão da escrita;

3. Lógica associacionista da fala, da oralidade (analogia, contraste, contiguidade) que se distingue da lógica dos factos empíricos (causa e efeito, antecedente e consequente);
4. Lógica dos factos empíricos (agenciados ao escriba) vertida na lógica associacionista do discurso oral (agenciado ao contador-narrador);
5. Subversão do cânone do romance comum: subversão lógica, “aparente/real”:
  - 5.1. No “Prólogo” diz-se que vai ser contada a história de Akenaton;
  - 5.2. Na pág. 27 diz-se quem foi Akenaton: um faraó dos tempos passados;
  - 5.3. Akenaton foi anti-faraó, heresiarca: hereje;
  - 5.4. Portanto, são dois os sentidos para Akenaton:
    - 5.4.1. Um havido, o do passado, o Amenofis IV, Akenaton repudiado;
    - 5.4.2. Outro a haver, textualizado: o Akenaton a ser revivido através do sonho;
    - 5.4.3. Mas é de considerar, como se verá abaixo, na qualificação de Akenaton revivido os atributos (reiterados) do cabecilha do MLPRAFRENTE Cap. 9, 10, 29, 30, 31;
    - 5.4.4. Será o MLPRAFRENTE um acrónimo de Marxista Leninista PRÁ FRENTE?);
6. Constância, ao longo da acção, do “não-saber” acerca da identidade do avô:
  - 6.1. A acção principal consiste na “quête” do saber (identidade do avô);
  - 6.2. Descrição da identidade do avô:
    - 6.2.1. Cabecilha revolucionário;
    - 6.2.2. Escriba, hexaneto dele (cabecilha);
7. No início da história o escriba mandava lançar as despesas na “conta do avô”:
  - 7.1. Não era falso o que dizia, logo, dizia a verdade;
  - 7.2. A história é uma demonstração denegativa dessa verdade;
  - 7.3. O percurso da demonstração compõe a longa cena da paródia;
8. Hipótese de subversão da História do Egipto:
  - 8.1. A XVIII Dinastia é a de Akenaton;
  - 8.2. Logo, Amenofis XXVIII demarca o passado de Akenaton e o avô o tempo presente;
9. Contínuo histórico da linhagem: tetraneto do faraó (avô) e hexaneto “pícaro”.

#### **4. Lógica da História**

1. Preso por dizer ser neto do Sumo-Sacerdote:
  - 1.1. Será o Sumo-Sacerdote uma figura proscrita (que não pode ser nomeada?);
  - 1.2. Será o Sumo-Sacerdote uma figura intocável (que não pode ser profanada?);
  - 1.3. Ou os comportamentos do escriba são pouco conformes à Ordem?);
  - 1.4. Ou a resposta (do escriba) não é verosímil?).
2. Os informadores do Poder desencadeiam a questionação e a ambiguização:
  - 2.1. Saber não ser neto de;
  - 2.2. Não saber de quem é neto: trinta dias para aceder ao saber: “quête” do saber.
3. Subversão do mito da Esfinge (irreverência cultural pícara):
  - 3.1. Perguntar à esfinge, em vez de responder a uma pergunta feita por ela;
  - 3.2. Profetizados grandes feitos; grandes feitos garantidos;
  - 3.3. Fica assim concluído o primeiro circuito (boucle) da história:

- 3.3.1. Fica-se a saber o que vai suceder;
- 3.3.2. Resta apenas por saber como a história se vai concretizar;
- 3.3.3. Instala-se na recepção a tranquilidade acerca da solução da história;
- 3.3.4. Sabendo como acaba a história”, a atenção do leitor fica disponível para o “como é contada a história”;
4. Rebelião MLPRAFRENTE, uma imagem burlesca, anacrónica;
5. Preso por heresia, por dissidência ou desobediência;
6. Qualificação do escriba, útil na prisão: oportunismo do Poder VS esperteza pícara;
7. No Cap. 29, escriba libertado por interceptação da Governadora:
  - 7.1. Subversão da regra machista, ser conquistado pelo feminismo. A rebelião ML;
8. No Cap. 30 endereço ao faraó preocupado pela grande ameaça:
  - 8.1. Escriba qualificado para auxiliar o faraó, numa convergência de casos;
  - 8.2. Caso social: rebelião ML;
  - 8.3. Caso metafísico: o que dizem os sábios: guerra: pícaro feito condestável;
  - 8.4. Lógica abductiva: os factos cumprem-se para confirmar o prognóstico feito;
9. Sucesso dos ML: o cabecilha dos ML é o avô do escriba/ sucesso do escriba:
  - 9.1. Condestável: avô, tetraneto de Akenaton; escriba hexaneto do Akenaton.
- 10 Condestável vertido em faraó;
11. História engenhosa, inverosímil, ilógica, que subverte a lógica causal comum:
  - 11.1. A História egípcia engenhosa, ao ser subvertida vai subverter a História;
  - 11.2. Transpor para o passado a figuração do presente:
    - 11.2.1. Forma anacrónica de efeito humorístico, cómico, grotesco;
    - 11.2.2 ML na década de 1990 alude ao marxismo-leninismo dos anos 70-80;
12. O anacronismo sustenta a alegoria narrativa: primeiro, o presente dá uma forma ao passado e, depois, o passado retorna sobre o presente para o alegorizar através de uma variedade de símbolos;
13. Subversão carnalizante, parodiante:
  - 13.1. Rebaixamento: tratamento vexatório, ridicularizante de situações, factos, discurso, de falas e de ideias;
  - 13.2. Picaresca: aniquilamento de valores por astúcia, manha, artil e egotismo.
14. Castigo infligido: por deslocamento, o pícaro (inculto) acabará por ser absorvido, neutralizado, recuperado, sob a identidade desvendada de escriba (culto):
  - 14.1. Pirueta lógica da história do texto: o escriba absorve, anulando, o lugar crítico que foi ocupado pela picaresca;
  - 14.2. Pícaro auto-digerido pelo seu egotismo.
15. Inversão carnavalesca: pôr em destaque o avesso grosseiro das coisas:
  - 15.1. Intertextualidade parodiante: menina do capuchinho vermelho que faz de lobo;
  - 15.2. Processo subvertido pela lógica onírica que recupera, figura, desloca, condensa, a história do escriba com a mulher do Governador.

## 5. Sequência morfológica (inspirada em Propp)

	Registro sequencial	Atributos
01	<b>Gigarros e comida por conta</b> do avô (Sumo Sacerdote). <b>Delação</b> feita ao faraó	<b>Manque.</b> Fazer/dizer
02	<b>Condução ao Faraó. Interrogação/resposta lacunar. Confirmar/infirmar</b>	<b>1º saber</b> em 4+1 dias
03	<b>Quête</b> do saber: interrogação da esfinge/resposta <b>negativa. Predição</b> de grandeza	<b>Subversão</b> do mito
04	<b>Condução ao Faraó: saber não ser neto/não saber</b> a genealogia: <b>Perguntar</b> ao pai	<b>2º: saber</b> em 30 dias
05	<b>Prisão:</b> por não <b>identificar</b> o desenho, mas <b>saber</b> interpretá-lo	Subversão do saber
06	<b>Prova</b> de resistência: convicção moral positiva. <b>Condução</b> ao Governador	Início da <b>provação</b>
07	<b>Condução ao Governador.</b> Intimidação. <b>Prova de saber-fazer:</b> retratista	<b>1ª competência</b>
08	<b>Instalação</b> na casa-zoo. <b>Sonhar</b> com a esposa de Ramosis	<b>1º indício</b> da predição
09	<b>Rebelião</b> -seguida de repressão	
10	<b>Pragas</b> e suas preferências. Tática de <b>saber</b> manipulador: uns contra os outros	Exercício: saber-fazer (1)*
11	<b>Guerra zoológica:</b> armistício. <b>Convocação</b> pelo Governador	<b>2º indício</b> da predição
12	<b>Sonho</b> da mulher com Barbudo. <b>Investidura</b> em curandeiro	<b>2ª competência*</b>
13	<b>Invocação</b> de Toth para a cura: conhecimento da <b>fórmula:</b> os três beijos	Exercício: saber-fazer (2)*
14	<b>Execução</b> do ritual de cura: dois beijos. Preparação para o terceiro beijo	Exercício: saber-fazer
15	<b>Cura deformadora:</b> mulher travesti	Insucesso parcial
16	<b>Informação</b> ao Governador	Comunicação
17	<b>Reinvocação</b> de Toth: obrigatório o terceiro beijo	Exercício: saber-fazer (3)*
18	<b>Conclusão</b> do ritual de cura: terceiro beijo, transgressivo. <b>Proposta</b> da mulher	<b>3ª competência</b> Sucesso
19	<b>Reconhecimento</b> dispensado ao escriba. Castigos atenuados <b>Promoção</b> -perdão	<b>1ª reabilitação</b>
20	<b>Promoção</b> a <b>pintor</b> exímio da esposa. Declaração de <b>contador</b> de histórias	<b>1ª transfiguração: integração</b>
20	<b>Contar histórias</b> tradicionais, modernas, factuais, inventadas, recriando-as	<b>4ª competência</b>
22	<b>Contar-confidenciar</b> a história pessoal	1º: tarefa fácil: saber-dizer (1)*
23	<b>1ª Convocação</b> pelo Governador: <b>Tarefa</b> grave: caso do bruxo: <b>sucesso</b>	2º: tarefa difícil: dizer
24	<b>2ª Convocação</b> pelo Governador: <b>Três tarefas difíceis</b> por crédito de imortalidade	3º: tarefa difícil: fazer
25	<b>Herói</b> em três vitórias. Artista <b>versátil: Contador, pintor, curandeiro, lutador</b>	<b>Glorificação</b>
26	<b>Contar histórias</b> de horror	1º: tarefa fácil: saber-dizer (2)*
27	<b>Contar história</b> de erudição: uncórnios e bicórnios	2º: tarefa fácil: saber-saber
28	<b>Contar história</b> tradicional, parodiada	3º: tarefa fácil: saber-dizer (3)*
29	<b>Esgotamento do prazo</b> de 30 dias. Ameaça do fim do Império. Mudança da Corte	<b>Arrivée</b> distinguida
30	<b>Re-recondução ao Faraó. Saber</b> reinterpretar o presságio. <b>Reinvocação</b> de Toth	<b>2ª Reabilitação</b>
31	<b>Re-reinvocação</b> de Toth. <b>Aviso</b> de Toth ao escriba. <b>Versão declarada</b> ao Faraó.	<b>2º transfiguração: Cavaleiro</b>
32	<b>Visita</b> ao pai, <b>Trinta dias depois:</b> linhagem de Akenaton. <b>Informação genealógica</b>	Obtenção do <b>saber: linhagem</b>
33	<b>Requête</b> do saber: interrogar o avô. <b>Saber</b> sobre Akenaton. <b>Predição:</b> grandeza	Obtenção do <b>saber: Faraó</b>
34	<b>Escriba-Faraó:</b> contar- confidenciar a história da guerra vitoriosa	<b>Fazer/dizer/saber/ser</b>
	(*) Triplicações	

	<b>Lógica modalizadora dos factos / do sonho</b>	<b>Atributos</b>
01	<b>Transgressão</b> (do Contrato implícito) por fazer-dizer	<b>Falta</b>
02	<b>1ª Condução</b> ao Faraó: <b>juízo</b> : confirmar/infirmar o dizer sobre o avô	<b>4+1 dias</b>
03	<b>Busca</b> do saber, espaço aberto, interrogar a Esfinge: Saber parcial	<b>PREDIÇÃO notabilizadora</b>
04	<b>2ª Condução</b> ao Faraó: <b>juízo</b> : tarefa: anular o vazio do não saber	<b>30 dias</b>
05	<b>Busca</b> do saber, espaço fechado. Detenção no <b>presídio</b>	<b>Entrada na inciciação</b>
06	<b>Apresentação a juízo</b> (Governador)	<b>Deslocação</b>
07	<b>Saber fazer</b> a exegese do desenho. <b>Retratista</b>	<b>Saber fazer competente</b>
08	<b>Sonhar</b> com a Governadora	<b>Factor premonitório</b>
09	<b>Rebelião-repressão</b>	
10	<b>Exibição</b> de saber sobre as <b>pragas</b>	<b>Competência</b>
11	<b>Guerra zoológica</b> : saber-fazer. Chamada ao Governador	<b>Competência</b>
12	<b>Sonho</b> da Governadora doente: nomeado <b>Curandeiro</b>	<b>Factor premonitório</b>
13	<b>1ª invocação</b> de Toth: saber sobre a cura	<b>Demiurgo</b>
14	<b>1º Processo</b> de cura, parcial	<b>Competência</b>
15	<b>Cura incompleta</b> . Mulher travestida	<b>Competência</b>
16	<b>Comunicação</b> ao Governador	
17	<b>2ª invocação</b> de Toth: saber sobre a cura incompleta	<b>Requalificação</b>
18	<b>2º Processo</b> de cura, total. Proposta transgressiva	<b>Recompensado ( prestígio)</b>
19	<b>Reconhecimento</b> do mérito	<b>Notabilização</b>
20	<b>Transfiguração</b> . Pintor. <b>Contador de histórias</b>	<b>Distinção</b>
21	<b>Contar histórias</b> tradicionais, recriadas	<b>Saber dizer competente</b>
22	Contar- <b>confidenciar</b> a história <b> pessoal</b>	<b>Saber dizer competente</b>
23	<b>Convocação</b> : incumbência grave: caso do <b>bruxo</b> - sucesso	<b>Distinção</b>
24	<b>Convocação</b> : três <b>tarefas difíceis</b> para crédito de imortalidade	<b>Glorificação</b>
25	Três <b>vitórias</b> . <b>Versátil</b> : contador, pintor, curandeiro, <b>lutador</b>	<b>Heroísmo</b>
26	<b>Contar histórias</b> de horror	<b>Saber dizer competente</b>
27	<b>Contar história</b> de <b>erudição</b> : uncórnios e bicórnios	<b>Saber dizer competente</b>
28	<b>Contar história</b> tradicional recriada	<b>Saber dizer competente</b>
29	<b>Fim dos 30 dias</b> . Ameaça do fim do Império. Mudança da Corte	<b>Distinção reconhecida</b>
30	<b>3ª Condução ao Faraó</b> : Convocado por saber ler o presságio. ( <b>não saber</b> ainda)	<b>Predição de grandeza</b>
31	<b>3ª invocação de Toth</b> : abdução VS saber dito ao Faraó	<b>Demiurgo/Distinção</b>
32	Trinta dias após <b>visita ao pai</b> . Genealogia: <b>linhagem</b> de Akenaton: <b>vazio anulado</b>	<b>Legitimação real</b>
33	<b>Rebusca</b> do saber, espaço aberto, interrogação do avô. <b>Saber sobre Akenaton</b>	<b>PREDIÇÃO de grandeza</b>
34	<b>Escreva-Faraó</b> : contar- <b>confidenciar</b> a história da guerra vitoriosa	<b>PREDIÇÃO concretizada</b>

## **6. Exemplos de gíria, bordões, anacronismos, conotadores**

1. funcionários, artífices, retalhistas [...] vivendas gran-finas, p. 12;
2. três virgula catorze, p. 13;
3. os ardinias, p. 24;
4. o sabão dentífrico era produto nacional. «Ora bolas, merda para isto!», p. 39;
5. *A rebelião ML PRAFRENTE*, p. 41, 46, 149;
6. guerrilha urbana, p. 42;
7. «ponto de rebuçado», p. 50;
8. «enterrem-se os cadáveres e os ilesos tratem dos feridos», p. 50;
9. gajo, p. 56;
10. tintim por tintim, p. 57;
12. em última análise [...]», p. 64;
13. tantas mortes no activo, p. 67;
14. enaltecer os valores nacionais, p. 70;
15. camisa de onze varas, como se diz lá na Grécia, p. 94;
16. *Alto, aqui pára o baile*, p. 95;
17. Ministro da Educação dos Nobres do Império sobre a reforma ortográfica, p. 97;
18. Prazer, o tanas!, p. 103;
19. o gavião perdeu a pena, p. 133.